

RESCALDO DO



ouvindo ROGÉRIO PAULO

—o homem
do festival



Incorrendo deliberadamente no lugar-comum: Rogério Paulo diz pensa apresentação.

Outro lugar-comum, desta vez evitado, é o que respeita ao desfiar dos méritos do artista. Preferimos, muito simplesmente (mas com propriedade, mas com rigor), sintetizar a personalidade de Rogério Paulo através desta expressão: um homem de teatro. Diz tudo e em todos os sentidos. Um homem de teatro. Agora glosáramos o tema, de forma a que todos ficassem sabendo tim-tim-por-tim-tim o que entendemos por «homem de teatro». Não é preciso, porém. Parece que foi o Jules Renard quem, a propósito da vaca, disse: «chamam-lhe vaca e é o nome que lhe vai melhor». Almada Negreiros juntou à citação: «é vaca por todos os lados». Assim diremos nós do Rogério Paulo (e ele não se zanga com esta história da vaca): **é homem de teatro por todos os lados.** Eu sei. Ele sabe. O leitor sabe. Pelo que, adiante.

Quem está à nossa frente é o Rogério Paulo-director artístico do I Festival Internacional de Teatro da Cidade de Lisboa. É nessa qualidade que queremos falar com ele.

Há umas semanas atrás, exactamente no dia do diálogo com a companhia grega, pedimos-lhe a entrevista. Estava muito bem, claro que sim, etc., mas, como víamos encontrava-se muito, muito atarefado, muito, muito cansado, ainda não pregara olho, muito que fazer, muitas complicações, compreendíamos, não? Claro que compreendíamos. E tanto assim que propusémos: «Então, fica para depois do Festival está bem?» Estava bem, até seria melhor.



Recebendo Voula Zoumboulaki e Dimitri Murat, da companhia do «Teatro de Atenas»



Aqui, na recepção da companhia belga. A esquerda, o titular da companhia, Rudi van Vlaenderen

A conversa com o leitor já vai longa e a entrevista propriamente dita não há meio de chegar. Rogério Paulo está à nossa frente, tiro, o casaco, fuma, bebe cerveja. Estamos numa pastelaria da Rua A Alexandre Herculano. Cinco horas da tarde, sem chá. Primeira pergunta.

— Pode referir quais as funções e quais as dificuldades do seu cargo de director artístico do Festival?

— Divido a resposta em duas partes. As funções, e depois as dificuldades, está bem? Ora vejamos: as funções. Bem, tive de concentrar nas mãos toda uma série de tarefas: o convite às companhias, a elaboração dos contratos, a correspondência a manter...

Uma pausa. Eu gatafunho.

— E orientar toda essa questão dos programas, dos cartazes, da publicidade... Na parte técnica, ajudar à montagem das peças, isto no caso das companhias estrangeiras. Préviamente, tive de escolher a equipa técnica portuguesa, ao todo dez homens, maquinistas, contra-regra, electricistas... Outra função, que parece insignificante, mas das mais trabalhosas: as public-relations... (Traduzimos para o leitor, não versado em língua inglesa: relações públicas). Tratar dos hotéis, acompanhar os actores...

Gatafunho, resmungo: claro, claro. E acrescento no papel, não podendo acompanhar a descrição de Rogério Paulo: etc.

— Acompanhar diariamente as contas da bilheteira, orientar os diálogos, marcar calendários das horas de montagem, escolher o tipo de prémios (escolher o tipo, não distribuí-los...) e, enfim... decisões repentinas...

«É claro que fui muito ajudado. Os elementos da Casa da Imprensa foram verdadeiramente infatigáveis. O Dr. César Afonso, o Botelho da Silva, que se encarregou de toda a publicidade para os jornais, o João Corregedor, o Renato Boaventura... e alguns outros...

«Devo um agradecimento muito especial a uma entidade que não tem a ver com o teatro. Ponha aí: à Direcção-Geral das Alfândegas. Foi de uma eficiência e de uma gentileza a toda a prova. Cheguei a ter cá fora todos os caixotes meia hora depois da chegada. Devo-os aos chefes das alfândegas do Aeroporto, de Vilar Formoso e da Calheta. E tudo isto sem pagar um tostão!... Sublinhe: revelaram maior compreensão que as alfândegas francesas para o Festival do Teatro das Nações. Em alguma coisa havíamos de ser melhores... E, como vê, facto mereço ser salientado por se tratar de uma entidade que não tem qualquer ligação com o teatro.

— A primeira vista...

— Agora, as dificuldades. Bem, não houve problemas muito graves. E os problemas que apareceram foram mais devidos à falta de prática. Para o ano, já não aparecerão. A maior dificuldade residiu nas montagens. Noutras circunstâncias, fecha-se o teatro por um dia e faz-se a montagem. Ora o calendário do Festival não permitia tal margem de tempo. Veja: uma das peças da companhia espanhola acabou de ser montada uma hora antes de começar o espectáculo. Por vezes, ficava toda a noite a trabalhar. Isto deve-se ao extraordinário espírito de compreensão da empresa do Império e de toda a equipa técnica. O Eng.º Gil não levantou qualquer espécie de dificuldade, é um homem



No Aeroporto, à chegada da companhia francesa de Volard-Resny



A frente de Rogério Paulo, a titular da companhia espanhola, Maritza Caballero. A esquerda desta (de costas), Tone Brulin, António Pedro e Cândida Lesada

muito justamente orgulhoso da excelência da sua organização. Por outro lado, também se deve agradecer à Câmara e ao S.N.I. O seu a seu dono.

— Houve algum critério na escolha das companhias?

— O primeiro critério: a honestidade das companhias convidadas. Note: um Festival não pode ser exaustivo de todos os países. E precisa de um ano para se organizar. Nós, começamos a promover a escolha das companhias em Janeiro. E, tirando o caso da companhia do Nacional, que me abstenho de comentar, o programa pôde seguir-se à risca. Por outro lado, teve de se organizar um Festival curto apenas de doze dias. Mais que doze dias, haveria a possibilidade de um fracasso financeiro. Foi preferível entrar-se com calma. O I Festival do Teatro das Nações, em 1954, teve a duração de dois meses. Actualmente, dura quatro meses e meio. Bem vê, não podíamos fazer perigar uma iniciativa que importava em cerca de um milhar de contos. Um investimento importante...

«Quisemos convidar uma companhia inglesa. Mas, este ano, era completamente impossível. E o convite teria de ser feito com um ano de antecedência. De qualquer forma, Lisboa iria ver duas companhias inglesas no ciclo de comemorações do centenário de Shakespeare. Também estabelecemos contacto com duas companhias italianas — mas tinham todo o calendário preenchido para 1964. O mesmo sucedia com a companhia francesa de Roger Planchon, de modo que recorremos ao adido cultural e director do Instituto Francês, razão pela qual tivemos entre nós uma companhia que é justamente subsidiada para realizar espectáculos nas Alianças e Institutos franceses no estrangeiro. Quanto à companhia grega: eu tinha lido no «Théâtre dans le monde», da U.N.E.S.C.O., uma referência à notável encenação grega de Pirandello. Telefonei ao Dimitri Durat a convidá-lo e ele aceitou. Como sabe, a companhia esteve em Lisboa numa missão semi-oficial, o que prova a cotação em que é tida mesmo junto do Governo...

— E quanto aos belgas?

— Eu pretendia convidar também uma companhia de expressão francesa, o «Théâtre National de Belgique». Mas não foi possível. Assim, tivemos apenas a companhia de expressão flamenga. Sou amigo do Tone Brulin e do Rudi, de modo que não foi difícil trazê-los cá.

— Já agora, a companhia espanhola...

— Tive conhecimento da companhia quando estive o ano passado em Paris. Apresentava as «Bodas de Sangue» no Athénée. Mas não vi a peça.

— Então?

— Então fui a Madrid com um director da Casa da Imprensa. Estivemos lá quatro dias e contratámos a companhia.

— E quanto ao Teatro de Arena, de S. Paulo? Por que não veio?

— Faltavam apenas três semanas para o começo do Festival quando responderam. Tinham atrasado a resposta devido aos acontecimentos políticos do Brasil. Nós já tínhamos o calendário elaborado. Foi pena. Talvez para o ano...

— E o Teatro Experimental do Porto?

— Depois de serem convidados, escreveram a

dizer que iam pensar. Um mês depois, não sabiam se podiam vir ou não. Não pudemos esperar mais. Coisa estranha: apresentaram-se em Lisboa no dia da estreia das «Bodas de Sangue», incorrendo num fracasso financeiro...

— Mudando de assunto: se tal tivesse sido possível, quais os originais do moderno teatro português que você escolheria para o Festival?

— Bem, começo por dizer que não escolheria peças mas sim companhias. Agora o que lhe posso responder é quais as peças que eu gostaria de ter visto. «Felizmente há luar», do Sttau Monteiro, «O Pecado de João Agonia» e «A Promessa», de Santareno, «Condenados à vida», do Luis Francisco Rebelo, «O Motim», de Miguel Franco, um nome pouco conhecido mas de valor. E, claro, o teatro vicentino, uma peça do Judeu... A ausência de todos estes nomes é consequência de não haver entre nós um teatro em laboração normal.

— Está satisfeito com o nível artístico em que decorreu o Festival?

— Sim, dentro das possibilidades de um I Festival decorrido num espaço de doze dias. Foi possível

(Continua na pág. 63)



UM CABELO MARAVILHOSO....!

CAMOMILA INTEA LOÇÃO VEGETAL INOFENSIVA.

proporciona ao seu cabelo os tons maravilhosos de castanho e louro.

Camomila **Intea**

dá reflexos de ouro ao seu cabelo



INTEA P. BELTRAN — SANTANDER — ESPANHA

DISTRIBUIDOR: CREFAR R. DA MADALENA, 197 LISBOA, 2

AGENTE NO NORTE: BARBOT COSTA R. DE ST. ANTONIO, 120 PORTO

«ZORRO E OS TRÊS MOSQUETEIROS»

(ZORRO I TRE MOSCHETTIERI)

A obra mais popular de Alexandre Dumas — «Os Três Mosqueteiros» — tem sido, no cinema, plagiada, deturpada e satirizada. Mas esta nova versão — aliás aproveitada apenas os seus personagens essenciais — é de uma fantasia ímpar. Só isto: adiciona-lhe outro personagem lendário muito querido da juventude cinéfila de há uns tempos atrás: o famigerado Zorro.

O autor da «gracinha» — de modo próprio ou mandado, não sabemos — chama-se Gianviti-De Tuddo.

Claro, daqui não vem nenhum mal ao mundo. Aliás, é um filme inofensivo. Ostensivamente dedicado à camada juvenil ou mesmo infantil. São notórios os intuitos de apresentar cenas cruéis (até mesmo as simples «espadas» de espadas) bem como cenas amorosas.

Embora extremamente fantasioso e pueril, o entrecho não é destituído de certo engenho. A psicologia que Dumas pôs nos seus celeberrimos personagens enquadra-se nesta derivação, que tem como fulcro outro herói, com o qual os mosqueteiros mantêm bem humorada rivalidade, sendo simultaneamente inimigos e aliados.

A interpretação, como é normal neste género de películas, desbana para um plano secundário.

Difícil se torna reconhecer em Zorro o antigo Tarzan, Gordon Scott. Livio Lorenzon, o gigante calvo de tantos filmes lendários (estavam três em exibição na passada quinzena...) surge-nos com a bonita cabeleira que convém à figura do avantajado Porthos. Os restantes mosqueteiros, muito banais, inclusive D'Artagnan (José Greci), que possivelmente não se aproxima nem de longe da figura concebida por Alexandre Dumas. Verdade seja que este celebrado autor também jamais poderia conceber a intromissão (anacrónica, cremos) do mascarado Zorro em luta com os seus mosqueteiros e com o Cardeal Richelieu...

Ficha artística: Gordon Scott, José Greci, Giacomo Rossi Stuart, Roberto Rizzo, Livio Lorenzon, Maria Grazia Spina.

Ficha técnica: Luigi Capuano (realizador); Gianviti-De Tuddo (argumento e adapt. cinem.); Carlos Bellero (fotografia).

X-2

RESCALDO DO I FESTIVAL DE TEATRO

(Conclusão da pág. 11)

apresentar vários estilos de teatro, assim se proporcionando oportunidade para os vários gostos. Se o provincianismo de um determinado público teatral não adériu, por exemplo, ao arrojado cénico da peça de Tone Brulin, houve, em compensação, o entusiasmo da juventude, pois que esta procura sempre um caminho novo. Aos que fugiram à representação de Pirandello por não compreenderem o grego, contraporei esta opinião do chefe-maquinista: «nem preciso de ler a peça, porque percebi tudo!». É que o gosto não tem preconceitos. Ao mesmo tempo, procurámos que o público pudesse ver todas as peças. Atente-se no preço irrisório das assinaturas para todos os espectadores: a mais barata, 110\$00, e a mais cara, 400.

— Sabe se o empreendimento resultou financeiramente?

— A Casa da Imprensa não pretende ganhar fortunas. Logo, resultou.

— A que foi devida a ausência de Palmira Bastos?

— Doença.

— Algo ficou de pé quanto à futura realização de outros festivais de teatro?

— Estamos a procurar preparar o próximo. Entendemos que não se deve parar!

— Por que não levar o Festival a outras cidades do País?

— Normalmente, os Festivais estão circunscritos a cidades.

— Mas é pena, para o nosso caso. Para além de tudo, há que não desprezar o objectivo didáctico...

— Claro. O interesse cultural é indiscutível. Mas existem proble-

mas financeiros e de organização. Este ano, a companhia espanhola pôde ir ao Porto. Talvez para o ano possamos alargar o âmbito do Festival.

— Houve qualquer reacção negativa por parte dos profissionais do Teatro? Raros foram os que estiveram presentes nos diálogos...

— Se houve, não tomei conhecimento delas. Aliás, espantaram-me a que houvesse. O Festival lembrou-se dos profissionais de teatro, pois até lhes concedeu um desconto nas entradas. As poucas presenças nos diálogos deve-se, por certo, ao facto destes decorrerem às 11 horas da manhã. De qualquer forma, os diálogos obtiveram um êxito e um interesse com que sinceramente não contávamos.

Seis e meia da tarde, cerveja bebida. A conversa toma outros rumos, porventura fora da questão. A entrevista findou. Com ela, findou também a cobertura que fizemos ao I Festival de Teatro da Cidade de Lisboa. Agradecemos a Rogério Paulo. E agradecemos não só a entrevista. Bem o vimos atarefado, suado, ensonado, esgotado, no decorrer do Festival, atendendo toda a gente, apresentando os espectáculos, orientando os diálogos, servindo de elo de comunicação entre o público e os actores, correndo ao Aeroporto, saltando para os hotéis, telefonando, traduzindo. Obrigado, também e principalmente, por isso. Foi ele o operário-mor do Festival. Esta, a frase que cremos a mais justa para colocar o ponto final no nosso trabalho.

VÍTOR SILVA TAVARES

«O JOGADOR PROFISSIONAL»

«O Jovem Mentiroso» e «Uma Vida Difícil»

Na impossibilidade de inserir neste número por absoluta falta de espaço, as críticas a estes três filmes, «Plateia» chama a atenção dos seus leitores para eles, sobretudo para o primeiro, pela sua extraordinária validade como obra de arte e como documento do nosso tempo.

ADEGA MESQUITA

ALMOCE E JANTE A PREÇOS ACESSÍVEIS

na adega típica preferida pelas grandes individualidades
Rua «Diário de Notícias», 107 (Ao Bairro Alto) Telefone 28307

Todas as noites 5 Grandes Estrelas do Fado:

EDUARDA MARIA • LOURENÇO DE OLIVEIRA • FLORINDA MARIA • MANUEL HILÁRIO • ANA HORTENSE

Acompanhados à guitarra e à viola por

FONTES ROCHA e PEDRO LEAL

